

Caro leitor e cara leitora,

Em épocas anteriores, a fala inicial de um livro era uma conversa franca, pausada, por vezes com rodeios de moça em baile da corte. Buscava-se a proteção das musas, mas a benevolência da crítica era o grande alvo. São famosas as polêmicas durante o século XIX, que no mínimo nos deixam entrever o sistema cultural, onde era pequena a estrutura escolar (aliás, a infância tinha sido há pouco tempo regulada) e as moças (novamente as moças) liam os romances em livro ou em fascículos na nota de rodapé dos folhetins à falta de outras formas de diversão (exemplo grande é o desenho que aparece na primeira edição de "A Moreninha" do Macedo).

Fico a cismar se nossa vida modernosa tem tanto assim de diferente do tempo de nossos trisavós. Mudei a tempo e acima o destinatário para o politicamente correto masculino e feminino, embora possa haver quem diga que deveria ser melhor o feminino primeiro; não são poucos os pouco melódicos cumprimentos "a todos e a todas". Quer dizer, nossa época tem um laivo, eu diria um travo mesmo, de preocupação com o nosso outro - e aqui talvez alguém diga que não é lúcido o possessivo. Enfim, estamos a ver que o limite do admirável mundo novo é menor e não maior, porque o mundo ficou menor. Nossas comunidades à moda das antigas vilas organizam-se em até alguns milhares de contatos no Orkut, mas em geral ficam pequenas no limite de 300 amigos no MSN Messenger. Buscamos incessantemente conectarmo-nos a outros, e com certeza deixamos de olhar com um sorriso de bom dia o nosso vizinho de porta, ao descermos no mesmo elevador os infinitos dois andares que nos separam do solo.

E aqui reside o ponto de explicação do texto à francesa, cada prato em sua hora, separado, medido, circunstanciado, cerimonioso. A proposta da revista Texto Digital em advertir o leitor especialmente acabou, quem diria, na banda de cá do paralelo 23. A grande mudança neste viés contemporâneo é a liberdade de dizer e fazer, subvertendo os meios de produção metropolitanos. Esta revista não é em papel, pode ser lida "em linha", na apropriação carretelina (não sei porque me lembro de apólogo machadiano sobre a linha e a agulha) do termo em inglês "on line". Talvez dizer melhor seria "nos trilhos", pois chegaremos ao texto, se seguirmos a linha do trem, mesmo que nem todos os

caminhos cheguem a Roma. Em ponto de partida, quer-se aqui fazer algo diferente, sem peias nem meias (que não combinam com as areias das praias da ilha catarinense onde reside a revista eletrônica). Assim, descalça de preconceitos a revista não tem limites de leitores e de autores, uma verdadeira odisséia no espaço a ser explorado. E aqui volto ao contexto do passado, pois estamos a navegar em mares dantes nunca navegados - e através de um navegador!

A idéia de uma revista eletrônica é economizar meios de interação - ficam para trás a distribuição (que é feita de imeio a imeio, com ajuda dos mecanismos guglianos - nosso pantagrúel moderno) e o desaparecimento (é sempre possível recuperar o texto, desde que tenha sido feita uma cópia de segurança em algum disco rígido ou coisa que o valha). Por outro lado, avantajado seria/será o número de leitores, aliás algo que cresce no Brasil assustadoramente a despeito de todas as predições negativas da escola salvacionista de índole redentora (novamente o passado ressurgue nas caravelas que buscavam expandir a fé católica). Fico assim um tanto angustiado de estar aqui a fazer a voz iluminante do que é muito mais lustroso. Mas vamos lá.

Texto Digital tem o seu quê de novo, mas translúcido, afinal mudou o meio mas inúmera é a inteligência a testar a tessitura do texto. Vai-se encontrar aqui e ali a moda, o jeito, a vontade, maneiras de ver o mundo digital e o lugar deste mundo ao usar a palavra, esta coisa que nos encanta e nos envolve, impressa, dita, gritada. O dedo percorre cada pedaço virtualmente, no alinhavo do rato português e "mouse" brasileiro, inventiva prosódia do ditongo.

São vários vieses, começo por um, termino por outro, afinal se é hipertexto não há entrada certa, tampouco certa, arranjo de quem olha e de quem quer. E começa a viagem da tela.

Wilton Azevedo elabora argumento sobre o dizer hipermediático, verdadeira ou fantasiosa forma de caminhar enquanto passado feito presente, conhecimento redivivo e recuperado, cessada a sua finita efemeridade da expansão da forma e da expressão.

O incansável Luiz Felipe Ribeiro, mourejador de longas datas, discorre ao par de sua experiência sobre a pouca visibilidade possível de uma revista eletrônica acadêmica, especialmente se comparada aos sítios que nutrem o desejo de ver e de ser visto. Interessantemente, alerta para o que pode ser em face do que não tem sido - o meio eletrônico, ousado em tese, é tímido na prática.

Maria Clara Paixão de Sousa, modernosa filóloga, une o difícil ao impossível, testando a recuperação de um corpus infinitamente distante na voz impressa através de mecanismos de análise linguístico-computacional, embora o resultado possa ser quase cabalístico, no sentido das múltiplas leituras e aconchegos de uma voz que ficou perdida na história dos séculos XVI a XIX.

Discutindo a vertente dos gamemaniacos de apontar/atirar, Gilberto Prado inova a perspectiva da teoria do jogo encontrável nos meios comerciais, propondo uma outra história, narração sem pontos a alcançar, mantida a ficcionalidade, engendrada a sua interatividade no pressuposto do interesse do jogador em conhecer algo que desconhece.

Simone Souza de Assumpção, lá em Dois Irmãos, testa a vontade dos jovens em ler poemas se encapsulados pela forma multimidiática do computador enquanto instrumento de leitura. O dinamismo dessa outra maneira de levar o aluno a entrar em contato com o mundo literário ainda está engatinhando, mas aponta para momentos de sucesso.

Já o ávido Saulo Cunha de Serpa entranha-se em experiência de uma estilística forense, mimetizando eletronicamente os antigos estudos de estilo feitos por Lapa e Spitzer, a buscar nas *Cartas Chilenas* marcas de um outro autor (ou autores) além do quase aceito Tomás Antonio Gonzaga.

O artigo de Marcos Silva Palácios mostra os caminhos do jornalismo eletrônico e seus motivos de grande sucesso, a ponto de estarem a modificar sistemas de assinatura e formatos de jornal. Por outro lado, vai discutir a hiperficção, modo literário pouco desenvolvido, talvez pela ineficiência de autores ou da instrumentalização de que dispomos.

Finalmente o guru Alckmar Luiz dos Santos, com pose de mineiro torcedor de futebol de várzea, discute agudamente o *Grammatron*, elaborando o *modus operandi* do construir o criar literário. Fábula, leitura, interação, ação, leitor, escritor e vão perdidas as valsas amigas, em descompasso no espaço que em aço (à maneira de Guilherme de Almeida) se torna o mormaço da escrita sempiterna e poderosa.

Fica o convite ao desvario da leitura incessante, meio tosca meio plana, de um texto que se quer meio para o puro e árido devaneio, sem cheiro de papel amarelado pelo tempo, com um calor de luzes.

Obrigado,
Alamir Aquino Corrêa